

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

RESTAURO DO PAVILHÃO MOURISCO DA FIOCRUZ, RJ: PRINCÍPIOS, CRITÉRIOS E METODOLOGIAS (1987-2015)

RESTORATION OF THE MOORISH PAVILION OF FIOCRUZ, RIO DE JANEIRO, BRAZIL: PRINCIPLES, CRITERIA AND METHODOLOGIES (1987-2015)

Instituições e sociedade: global, nacional e local

Inês El-Jaick Andrade

Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Arquiteta e urbanista do DPH/COC/Fiocruz. E-mail: ines.andrade@fiocruz.br

Barbara Cortizo de Aguiar

Mestre em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco. Arquiteta e urbanista do DPH/COC/Fiocruz. E-mail: barbara.aguiar@fiocruz.br

Bruno Teixeira de Sá

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense. Arquiteto e urbanista do DPH/COC/Fiocruz. E-mail: bruno.sa@fiocruz.br

Elisabete Edelvita Chaves da Silva

Mestre em Museologia e Patrimônio Cultural, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Conservadora-Restauradora do DPH/COC/Fiocruz. E-mail: elisabete.silva@fiocruz.br

Giovanna Martire

Mestranda em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz. Arquiteta e urbanista do DPH/COC/Fiocruz. E-mail: giovanna.martire@coc.fiocruz.br

Rosana Zouain

Mestranda em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz. Arquiteta e urbanista do DPH/COC/Fiocruz. E-mail: rosana.zouain@fiocruz.br

Sônia Aparecida Nogueira

Doutora em Educação, Universidade Federal Fluminense. Arquiteta e urbanista do DPH/COC/Fiocruz. E-mail: sonia.nogueira@coc.fiocruz.br

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

Resumo:

O artigo propõe uma reflexão sobre os conceitos, princípios e metodologias adotados em obras realizadas no Pavilhão Mourisco, edificação histórica, sede da Fundação Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro. A edificação centenária foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1981 e, desde 1987, sua preservação está sob orientação do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz. Para essa reflexão, partiu-se de uma revisão dos registros das intervenções nos estuques ornamentais realizadas nas obras de restauro ao longo da trajetória do departamento, fundamentada na teoria do restauro crítico-conservativo do campo da preservação. O objetivo final do artigo é construir um panorama da atuação deste departamento no campo da conservação e restauração do patrimônio edificado no período entre 1987 e 2015, buscando identificar os desafios e as referências teóricas que embasaram as ações por ele desenvolvidas no Pavilhão Mourisco.

Palavras-chave: Restauro crítico-conservativo – Pavilhão Mourisco - Preservação

Abstract:

The intent of this article is to reflect upon the concepts, principles and methodologies adopted on the intervention works carried out at the Moorish Pavilion, historical building and headquarters of Oswaldo Cruz Foundation in Rio de Janeiro, Brazil. This centennial building was listed by Brazilian Institute for Historical and Artistic Heritage in 1981 and, since 1987, the Department of Historical Heritage from Casa de Oswaldo Cruz is responsible for its preservation. The starting point to reflect upon these actions was the revision of intervention records of decorative stucco, based on contemporary theories of conservation. The final objective of this article is to assemble a panorama for the restoration and conservation activities held by the Department on the Foundation's built heritage – from 1987 to 2015 – trying to identify the challenges and influences that supported the activities on the Moorish Pavilion.

Keywords: *Critical-conservative restoration - Moorish Pavilion - Preservation*

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

RESTAURO DO PAVILHÃO MOURISCO DA FIOCRUZ, RJ: PRINCÍPIOS, CRITÉRIOS E METODOLOGIAS (1987-2015)

INTRODUÇÃO

Desde 1987, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)¹ conta com um escritório técnico responsável pelo trabalho de preservar seu acervo arquitetônico, localizado no Campus Fiocruz Manguinhos, no Rio de Janeiro. Essa equipe inicia-se como Coordenação de Restauração que, a partir de 1989, deu origem ao atual Departamento de Patrimônio Histórico (DPH), vinculado à Casa de Oswaldo Cruz (COC)². As ações do departamento abrangem os edifícios de interesse para a preservação, constituídos pelo conjunto eclético concebido pelo engenheiro-arquiteto português Luiz Moraes Jr. na primeira década do século XX e pelas edificações modernistas³ construídas nas décadas de 1940 e 1950.

O reconhecimento do valor do conjunto eclético do Campus Fiocruz Manguinhos se deu a partir da iniciativa da própria instituição que, em 1980, encaminhou ao então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), uma documentação detalhada sobre estes edifícios, em anexo ao ofício assinado por Guilardo Martins, então presidente da Fiocruz, solicitando o tombamento do “Conjunto Arquitetural de Manguinhos”. O tombamento do Pavilhão Mourisco, Cavalaria e Pavilhão da Peste foi inscrito nos livros do Tombo Histórico e das Belas Artes em 1981.

É importante destacar que a valorização destes edifícios se deu em um contexto de crescimento das demandas da sociedade civil em favor do direito ao patrimônio cultural, levando à ampliação e diversificação da atuação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) (Nascimento, 2016). Com o início gradual do processo de redemocratização do país, foram criados ainda importantes centros voltados para a preservação de acervos documentais, entre eles a Casa de Oswaldo Cruz (COC). Paralelamente à criação da COC, a presidência da Fiocruz contratou a arquiteta Maria Cristina Fernandes de Mello, especialista em preservação do patrimônio pela Universidade de Roma⁴, para realizar os primeiros estudos e projetos para a restauração e novos usos dos edifícios históricos. Em 1989, a equipe formada pela arquiteta passa a integrar o recém-criado Departamento de Patrimônio Histórico (DPH).

O Pavilhão Mourisco (figura 01), edifício sede da Fiocruz, foi construído entre 1905 e 1918 para abrigar as atividades do então Instituto Soroterápico Federal. A edificação, construída sobre uma das colinas do terreno, com a fachada principal voltada para a Baía da Guanabara, possui cinco pavimentos sobre um porão elevado, dois pavimentos técnicos (4º e 6º pavimentos) e um pequeno

¹ A Fundação Oswaldo Cruz é uma instituição vinculada ao Ministério da Saúde e atua nas áreas de pesquisa, ensino e produção voltados para a saúde pública no Brasil. Mais informações disponíveis em <https://portal.fiocruz.br>.

² A Casa de Oswaldo Cruz foi criada em 1985 para ser um centro de documentação e pesquisa voltado para a preservação da história e memória da instituição (COC, 2009). Mais informações disponíveis em: <https://www.coc.fiocruz.br>.

³ Em 1998, foi encaminhado ao órgão de tutela do estado do Rio de Janeiro, o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) o pedido de tombamento de dois exemplares do conjunto modernista, o Pavilhão de Cursos e o Restaurante Central, tombados em 2001.

⁴ Vale ressaltar que, até meados da década de 1990, os cursos de arquitetura no Brasil não ofereciam disciplinas obrigatórias específicas para esse campo de atuação e alguns arquitetos brasileiros que se interessaram pelo tema acabaram buscando cursos de formação na Itália (FREITAS; TIRELLO, 2016)

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

subsolo. Além dos laboratórios de pesquisa, o programa inicial previu um espaço para abrigar biblioteca e museu, mostrando a preocupação em constituir coleções bibliográficas e biológicas que pudessem contribuir para as atividades de ensino, pesquisa e produção de soros e vacinas ali desenvolvidos.



Figura 01: Pavilhão Mourisco. Fonte: DAD/COC/Fiocruz, 1911.

Com rica ornamentação mourisca, o projeto revela influências do exotismo na arquitetura, sendo Alhambra, em Granada (Espanha) sua principal inspiração. É possível identificar ainda a influência da corrente neomedieval do ecletismo inglês, com o uso de tijolos aparentes e da pedra nas superfícies externas (OLIVEIRA, 2003). Essa presença do gosto eclético inglês dialoga com as outras duas edificações contemporâneas localizadas na mesma colina – a Cavalariça e o Pavilhão de Estudos da Peste (atual Pavilhão do Relógio), também construídas nas primeiras décadas do século XX.

O projeto do Pavilhão Mourisco previu a distribuição das salas em duas alas separadas por um corpo central onde se desenvolve a circulação vertical – por meio de elevador e escadas - e o bloco de sanitários. A circulação das alas nos pavimentos elevados é feita por corredores avarandados que conduzem às salas que foram distribuídas espacialmente para receber usos distintos relacionados às atividades desenvolvidas pelo Instituto.

Para a construção do edifício foram utilizadas fundações corridas de blocos de granito extraído do próprio terreno. As paredes são autoportantes, em granito, revestidas em tijolo cerâmico proveniente de Marselha (França) e sobre elas se apoiam lajes em abobadilhas, compostas por vigas metálicas de perfil "I" (importadas da Alemanha) de 10", dispostas aproximadamente a cada

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

85cm, sendo os vãos preenchidos com tijolos furados especiais (laje tipo volterrana). De acordo com Benchimol (1990), originalmente, os terraços eram pavimentados com cerâmica de Marselha sobre lâminas de cobre. Atualmente, a cobertura do edifício possui uma laje impermeabilizada revestida em lajotas de cerâmica formando terraços contornados por muretas adornadas com ameias e torreões, onde se destacam, ainda, duas torres laterais (Torre Norte e Torre Sul), situadas no terraço do 5º pavimento. As torres foram construídas em estrutura metálica autônoma revestida em argamassa com estuque ornamental, coroadas com cúpulas de cobre. As mesmas características estruturais e ornamentais se destacam na fachada oposta (oeste) com dois elementos denominados por Luiz de Moraes Jr. como *bow window* (Bow Window Norte e Bow Window Sul). As *bow windows* são janelas salientes que se projetam além do corpo da edificação (FRANQUEIRA, 2003). As suas faces apresentam grandes áreas envidraçadas, revestidas externamente por painéis pré-moldados de estuque ornamental. Os estuques ornamentais são elementos marcantes da composição das fachadas do edifício (figuras 02 e 03).



Figura 02: Painéis em estuque ornamental das fachadas do Pavilhão Mourisco. Fonte: DPH/COC/Fiocruz, 2010



Figura 03: Estuque ornamental no terraço do 5º pavimento. Fonte: DPH/COC/Fiocruz, 2010

No Pavilhão Mourisco, as varandas frontais (leste) são revestidas com azulejos policromados portugueses Bordallo Pinheiro e painéis de estuque ornamental, cujo padrão decorativo se modifica conforme o pavimento. Os pisos das varandas são revestidos em mosaicos cerâmicos franceses que formam uma composição similar a tapetes orientais. Com o objetivo de garantir uma boa assepsia aos laboratórios, as varandas e as salas localizados na fachada oposta (oeste) são revestidas até meia altura em azulejos brancos, fabricados na Alemanha. A maior parte dos materiais utilizados na construção deste edifício (telhas, tijolos, luminárias, azulejos, vidros, ferros, cimento, mármore) foi importada e desembarcou no cais projetado pelo mesmo arquiteto, para acesso ao então Instituto. Os únicos materiais nacionais utilizados foram a madeira peroba do campo (nas portas) e o granito juparaná rosa (para o embasamento e revestimento externo). A terra de emboço, a areia, o saibro e o granito usados na construção do pavilhão foram retirados do próprio terreno (OLIVEIRA, 2003).

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

As obras selecionadas para este estudo foram as realizadas pelo DPH/COC nas partes externas do Pavilhão Mourisco, com escopos semelhantes, mas executadas em períodos distintos, para possibilitar a análise comparativa dos critérios que orientaram estas intervenções, sendo que a última foi concluída em 2015. Este estudo está vinculado a pesquisa “Gestão de sítios históricos do patrimônio cultural da saúde: reflexões e desafios do conjunto arquitetônico histórico do *campus* Manguinhos, Fiocruz-RJ”⁵ coordenado pelo DPH, que tem como objetivo desenvolver um estudo técnico-crítico sobre a preservação do patrimônio edificado da Fiocruz no *campus* Manguinhos e gerar subsídios para melhor compreensão dos valores atribuídos a esse patrimônio.

As obras de restauração da Torre Norte e Torre Sul do Pavilhão Mourisco, ocorridas respectivamente entre 1988/1989 e 1990/1992, foram as primeiras intervenções realizadas na edificação. Estas obras foram seguidas por restaurações no interior e exterior do edifício, realizadas no início da década de 1990, com destaque para a obra de restauração das ameias e torreões do terraço do 7º pavimento (figura 04), entre 1991/1993 e 5º pavimento, de 1995/1997. De 1998 a 2005, foram realizadas as restaurações das *bow-windows*, das alas norte e sul do Pavilhão Mourisco. Recentemente, outras intervenções foram realizadas no edifício, tais como a restauração das torres (2012-2014), que já requeriam novos cuidados, e a obra de recuperação das trincas e fissuras das muretas e beirais que envolvem o perímetro dos terraços do 5º e 7º pavimentos, obra realizada entre 2013 e 2014 e que incluiu no seu escopo a restauração das ameias e torreões que emolduram as muretas.

Vale ressaltar que, a partir de 1999, foi implantado um novo sistema de normalização e controle físico e financeiro na execução de obras de restauração (PINHEIRO, 2009), com o objetivo de aperfeiçoar os modelos dos editais de licitação para garantir maior controle da qualidade da obra.



Figura 04 – Vista do terraço e da torre sul do Pavilhão Mourisco. Fonte: DPH/COC/Fiocruz, 2009.

⁵ Essa pesquisa possui o auxílio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação Oswaldo Cruz, e integra o Programa de Excelência em Pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz. Este artigo utilizou como base a análise da documentação existente sobre as obras realizadas pelo DPH e contou com a colaboração de Andreza Baptista como bolsista do Programa de Iniciação Científica (Pibic) do CNPq-Fiocruz no período de 2015 a 2017.

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

PRINCÍPIOS BASILARES DA TEORIA DO RESTAURO CRÍTICO-CONSERVATIVO

Na prática do campo disciplinar da preservação do patrimônio arquitetônico brasileiro, as chamadas cartas patrimoniais, consideradas enquanto diretrizes internacionais, contemplam aspectos básicos das teorias vigentes e servem como guias para orientar as práticas de intervenção. Nota-se, porém, que estas práticas não têm se pautado em uma corrente teórica de restauração específica, apesar de serem recorrentes as referências às cartas patrimoniais, principalmente à Carta de Veneza⁶ (1964), referência internacional para o campo da preservação. Percebe-se, porém, que a justificativa pela adoção de determinada carta patrimonial acaba por esvaziar do discurso a identificação por princípios teóricos que fundamentam as intervenções, desvinculando-as de uma corrente teórica e filosófica de restauração específica. Ainda na atualidade podem ser percebidas divergências conceituais nas opções adotadas em projetos de intervenção em preexistências históricas realizadas na contemporaneidade. A ausência de uma fundamentação teórica explícita acarreta em resultados, por muitas vezes, controversos e sob a justificativa da liberdade possibilitada pela máxima do “cada caso é um caso” (CUNHA, 2010).

Este artigo se deterá na linha teórica do Restauro Crítico Conservativo, preconizado pelo arquiteto italiano Giovanni Carbonara (Roma, 1942). Tal corrente se posiciona enquanto sucessora do Restauro Crítico, cujos precursores foram Cesare Brandi (1906-1988), Roberto Pane (1897-1987) e Renato Bonelli (1911-2004). A restauração continua a ser essencialmente encarada como processo histórico-crítico, mas devem ser adotadas, de preferência, práticas conservativas e de manutenção, sendo a restauração admitida em último caso, desde que atenda a princípios basilares que garantam a preservação da matéria original, de modo a conservar os valores estéticos e históricos dos bens culturais. Os princípios adotados pelo restauro crítico-conservativo seriam a distinguibilidade, re-trabalhabilidade, mínima intervenção e compatibilidade de técnicas e materiais. Para Kühl (2004; 2010) a adoção de tais princípios é fundamental para evitar atitudes ditadas por predileções individuais, garantindo uma atuação ética, alicerçada em uma visão histórica e filosófica.

Segundo Carbonara (2006), tais princípios têm como base a teoria do restauro crítico e a releitura de autores como Camillo Boito (1836-1914) e Gustavo Giovannoni⁷ (1873-1947). A vertente do restauro crítico-conservativo parte do conceito de restauro de Brandi, considerando a relevância das instâncias histórica e estética dos bens a serem preservados. Os princípios da mínima intervenção e distinguibilidade podem ser percebidos na teoria brandiana, quando ele estabelece que “a restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo” (BRANDI, 2004, p. 33). Define ainda que “a integração deverá ser sempre e facilmente reconhecível; mas sem que por isto se venha a infringir a própria unidade que se visa a reconstruir” (BRANDI, 2004, p. 47).

⁶ A Carta de Veneza, do qual o Brasil é signatário, foi fruto das discussões e reflexões produzidas durante o II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos e é considerado o documento basilar do Conselho Internacional para Monumentos e Sítios (ICOMOS).

⁷ A vertente do restauro filológico, que tem suas bases em Boito e Giovannoni, também fornece bases para o restauro crítico e faz considerações nesse sentido. Será na Carta de Atenas (1931) que os pressupostos da doutrina aparecerão, inclusive no que tange que as adições executadas em tempos diferentes devem ser consideradas como integrantes do monumento e, por isso, mantidas e novas devem ser executadas com técnicas distintas e atuais.

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

A teoria de Brandi ainda estabelece outro princípio chave para o restauro crítico-conservativo, de que “qualquer intervenção de restauro não torne impossível, mas, antes, facilite as eventuais intervenções futuras” (BRANDI, 2004, p. 48). Seria o equivalente ao termo utilizado por Barbara Appelbaum (1987) de “*re-treatability*”. Convém contextualizar o panorama dessa mudança de adoção de termos, pois na última década do século XX e início do século XXI foram publicadas importantes contribuições que questionam a reversibilidade, especificamente, aplicada em intervenções restauradoras. Appelbaum em seu artigo “*Criteria for treatment: reversibility*” (1987) estabelece níveis de reversibilidade e já utiliza a nova terminologia. Cabe destacar as suas ponderações a respeito do termo e a proposição da introdução do novo:

An equally important question is: what will happen when the piece needs treatment again, particularly if the problem that necessitated the treatment recurs? Can the same treatment be repeated? Can a different material be used with the first one still in place? What can be done with written condition and treatment records to make it more likely that a future conservator can find out what was done? The undertaking of an admittedly irreversible treatment does not absolve the conservator of responsibility for the future of the object, but increases the importance of a factor we might call, for want of a more elegant term, “re-treatability.” The notion of re-treatability is one that is often more helpful in evaluating treatments than the idea of reversibility itself. This is particularly true in the impregnation of badly deteriorated materials, since the treatment strengthens what is left of the object but may not prevent further deterioration of original material, and re-treatment may not be far in the future” (APPELBAUM, 1987, p.67).

Outros autores vão mais longe, e passam a questionar a existência na prática operacional de uma reversibilidade ortodoxa, como é o caso do livro “*Reversibility: Does It Exist?*” (1999), coordenado por Andrew Oddy e Sara Carroll e originado de uma Conferência temática organizada pelo British Museum, específica sobre a reversibilidade na restauração de obras de arte, bem como a tese “*Teoría contemporánea de la Restauración*” (2003) de Salvador Muñoz Viñás, que questionam abertamente o termo.

A partir do final da primeira década de 2000 as publicações científicas brasileiras passam a adotar o termo “retrabalhabilidade”. Kühn (2010) problematiza essa mudança:

Talvez pelo fato de, na restauração arquitetônica, ser muito difícil de ser alcançada a literal reversibilidade – como em tratamentos, feitos com aquarela, de lacunas em afrescos –, a exemplo de determinadas consolidações estruturais. No entanto, esse tema tem sido tratado, mais recentemente e de maneira mais precisa, como “retrabalhabilidade” [...] (KÜHL, 2010, p.313).

Assim, a base teórica do restauro crítico e conservativo se fundamenta em Brandi, no que tange à defesa que as intervenções precisam traduzir-se na diferenciação das zonas integradas (a fim de restabelecer a unidade potencial), respeitar a pátina do tempo (concebida como o próprio sedimentar do tempo sobre a obra); conservar as amostras do estado precedente à restauração e as partes não coesas que representam a própria translação da obra no tempo (avaliado caso a caso e sob a perspectiva da instância estética). Portanto, a restauração deve ser pontuada como evento histórico, pois “[...] para representar uma operação legítima, não deverá presumir nem o tempo como reversível, nem a abolição da história” (BRANDI, 2004, p.61).

Assim, para esse estudo serão considerados para os princípios basilares as seguintes definições:

- **Intervenção Mínima** - compreendida como as operações executadas estritamente necessárias para eliminar as causas dos danos, de modo a garantir a permanência no tempo dos valores materiais e imateriais do bem, “pois a restauração não pode desnaturar o documento histórico nem a obra como imagem figurada” (KÜHL, 2006, p.26).
- **Compatibilidade mecânica e química** - compreendida como a qualidade dos materiais e técnicas construtivas a serem introduzidos nas intervenções possuírem características e comportamentos semelhantes aos materiais originais.
- **Distinguibilidade** - compreendida como a qualidade das operações executadas em proporcionar legibilidade, isso é, trazerem a marca de seu tempo com o cuidado de evitar uma dissonância indesejável e “induzir o observador ao engano de confundir a intervenção ou eventuais acréscimos com o que existia anteriormente, além de dever documentar a si própria” (KÜHL, 2006, p.25).
- **Retrabalhabilidade** - compreendida como a qualidade das operações executadas em garantir mais facilmente o retorno ao estado anterior e não impedir qualquer intervenção futura, pois “não pode alterar a obra em sua substância, devendo-se inserir com propriedade e de modo respeitoso em relação ao preexistente” (KÜHL, 2006, p.25).

OBRAS DE RESTAURAÇÃO DO PAVILHÃO MOURISCO - 1987 e 2015

Para orientar a reflexão acerca da aplicação dos princípios teóricos da corrente crítico conservativa, optou-se por analisar os procedimentos adotados para o tratamento do estuque ornamental, elemento presente em todas as obras analisadas⁸. Buscou-se avaliar se os critérios consagrados pelo restauro crítico conservativo foram observados nestas intervenções.

Restauração da Torre Norte – 1988/1989

No terraço do quinto pavimento do Pavilhão Mourisco localizam-se duas torres idênticas, nas alas norte e sul do edifício, com aproximadamente 15m de altura, em planta octogonal com 6m de diâmetro, compostas internamente por quatro níveis de pisos.

As respectivas estruturas originais compõem-se de perfis de aço, cuja fundação se apoia em bases em granito, e a composição dos revestimentos ornamentais, idêntica nas oito faces, é em argamassa armada, parte confeccionada *in loco*, parte em pré-moldados. Internamente, as paredes são lisas, com esquadrias ornamentais em ferro localizadas em cada face, seguindo um padrão diferenciado conforme o piso. De material metálico também são as escadas internas em caracol, que culminam na cúpula de cobre, elemento que coroa as torres.

Em meados da década de 1980, o estado de conservação do Pavilhão Mourisco era bastante crítico, decorrente em grande parte da ausência de ações coordenadas e sistemáticas de manutenção em períodos anteriores. No caso das torres, fissuras generalizadas nos revestimentos externos contribuíam para o agravamento da corrosão dos perfis metálicos, comprometendo, inclusive, a própria estabilidade estrutural. As esquadrias em ferro encontravam-se empenadas e corroídas,

⁸ Para a análise das obras, foram consultados os diários de obra, editais de licitação, relatórios técnicos, assim como ofícios e memorandos do acervo técnico do DPH/COC/Fiocruz.

vidros quebrados, as instalações elétricas originais irrecuperáveis e a cúpula em cobre com avançado processo de deterioração em vários pontos.

A intervenção de restauração realizada na Torre Norte⁹ constituiu-se dos seguintes serviços: retirada dos revestimentos existentes em estado irreversível de degradação, inclusive para a revisão e consolidação da estrutura metálica; recomposição dos revestimentos externos em estuque ornamental; recuperação total das instalações elétricas e de águas pluviais; restauração da cúpula de cobre; restauração das esquadrias e escadas internas em ferro; e recomposição dos revestimentos internos das paredes e pisos.

Vale ressaltar que, por conta de uma obra interrompida¹⁰, grande parte das paredes e ornamentações em estuque haviam sido removidas e a estrutura metálica da torre estava exposta. No caso específico do estuque ornamental, devido à ausência de registros sobre a intervenção anterior, nas faces onde a ornamentação havia sido removida, foram feitos novos ornamentos (figura 05), a partir da reprodução dos elementos ornamentais da Torre Sul e de acordo com as técnicas tradicionais de confecção do estuque ornamental.



Figura 05: Torre Norte
Fonte: DPH/COC/Fiocruz (1988)



Figura 06: Detalhe dos danos das Torre Norte. Fonte: DPH/COC/Fiocruz (1988)

Nesse sentido, já não era possível atender integralmente o princípio da intervenção mínima. Por sua vez, em todas as etapas da obra buscou-se a compatibilidade entre os materiais existentes e os novos materiais utilizados para os preenchimentos das lacunas, através da contratação de consultorias especializadas e realização de análises laboratoriais. No que se refere ao princípio da retrabalhabilidade, entende-se que, diante da perda de grande parte dos revestimentos originais, a intervenção realizada não possibilita o retorno ao estado anterior.

⁹ Esta foi a primeira das intervenções viabilizadas graças à lei 7.505/86, que, através de benefícios fiscais, incentivou o investimento de empresas privadas em obras de restauração. Com estes recursos financeiros, foram realizadas obras emergenciais de restauração no Pavilhão Mourisco, sob a responsabilidade técnica e administrativa da Casa de Oswaldo Cruz.

¹⁰ Até o momento da elaboração do presente artigo não foi possível levantar registros confiáveis a respeito dos responsáveis por esta intervenção embargada em 1987.

Restauração da Torre Sul – 1990/1992

O tratamento dado aos revestimentos ornamentais da Torre Sul (figura 07), como parte da obra de restauração total realizada entre novembro de 1990 e março de 1992, buscou seguir os critérios, então dominantes no Brasil, da Carta de Veneza. O respectivo mapeamento de danos e o diagnóstico demonstraram um avançado grau de deterioração desses elementos, muito em função do círculo vicioso: fissuras, trincas, infiltrações, desgastes das argamassas em função de vários fatores de risco, além da evidente falta de um esquema sistemático de manutenção corretiva e preventiva. Assim, os ornamentos originais em bom estado de conservação foram mantidos e tratados, e as lacunas preenchidas parte *in loco*, parte com elementos pré-moldados em formas de cimento e areia, de acordo com a análise do traço original. Desde os levantamentos, as análises dos materiais e a elaboração das especificações técnicas, os registros sobre esta intervenção na Torre Sul apontam para a intenção de se respeitar os princípios da compatibilidade física e química, da distinguibilidade, da intervenção mínima e da retrabalhabilidade.



Figura 07: Torre Sul antes da intervenção. Fonte: DPH/COC/Fiocruz (1989)



Figura 08: Detalhe ornato da Torre Sul em restauração. Fonte: DPH/COC/Fiocruz (1990)

Restauração dos revestimentos ornamentais das varandas - 1991/1994

A análise dos documentos referentes à esta obra revela que as metodologias, procedimentos e produtos utilizados muitas vezes foram determinados no decorrer da execução dos serviços e que muitos impasses ocorreram entre a fiscalização, a empresa, os consultores¹¹ e o órgão de tutela. A obra foi paralisada várias vezes, pois os resultados alcançados não correspondiam às expectativas dos atores envolvidos, o que levou a realização de vários testes para definir os procedimentos a serem adotados.

¹¹ Integraram a equipe de consultores a museóloga e conservadora Aldeli Memória e o conservador Júlio Moraes.

Segundo as especificações técnicas da obra, para o tratamento do revestimento ornamental das varandas deveria ser feita a consolidação de fendas e rupturas, obturações de lacunas e limpeza, procedimentos compatíveis com o princípio da mínima intervenção, já que se concentraram apenas na higienização dos ornamentos. No que tange aos serviços realizados nas balaustradas (figura 09) - elementos presentes nos guarda-corpos das varandas leste e oeste - foram adotados os procedimentos de limpeza, consolidação e substituição das peças danificadas. Vários testes foram realizados para determinação do traço e para o estabelecimento de um método que permitisse uma apresentação uniforme e coesa, revelando uma preocupação qualidade do acabamento e resultado estético da obra. As peças danificadas foram demolidas e substituídas a partir da reprodução de um modelo integro removido do local (figura 10).

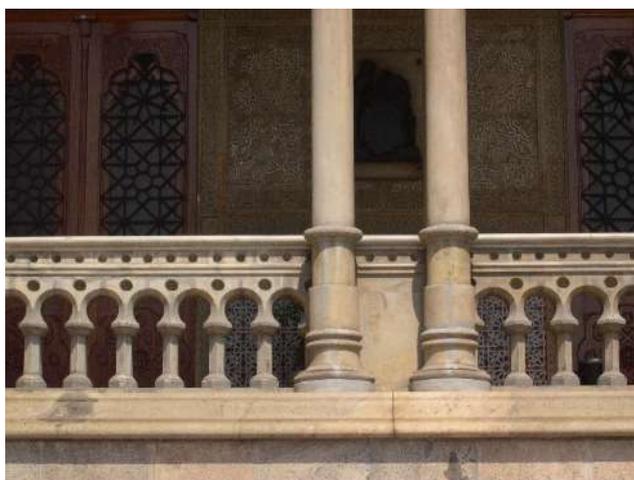


Figura 09: Balaustradas da Varanda Leste
Fonte: DPH/COC/Fiocruz (2006)



Figura 10: Execução de novos balaústres
Fonte: DPH/COC/Fiocruz (1989)

A intervenção proposta previu ainda o redimensionamento da armadura de ferro zincado, com o objetivo de atender as solicitações estruturais da peça. Para que fosse possível identificar as novas peças introduzidas, elas receberam uma datação, revelando a preocupação com a distinguibilidade da intervenção¹². No entanto, só foi possível a restauração de 40% das peças originais, a outra parte teve que ser substituída pelo risco de desabamento dos guarda-corpos. Diante da impossibilidade de preservação das argamassas e ferragens que não desempenhavam mais as suas funções originais, não foi viável a realização de uma intervenção mínima. No que refere ao princípio da retrabalhabilidade, o estado de conservação destes elementos não possibilitou a permanência dos valores materiais, entretanto, buscou-se preservar a imagem.

Restauração das ameias e torreões das muretas do 5º e 7º pavimentos

As obras de restauração das ameias e torreões das muretas dos terraços, correspondentes ao quinto e sétimo pavimentos do Pavilhão Mourisco, foram antecedidas pelas obras de impermeabilização e pavimentação das lajes de piso (em 1988 e 1991), por problemas recorrentes

¹² Em análise visual das peças não é possível identificar tais marcações.

de infiltração¹³. Após a realização de levantamentos e diagnósticos (com a participação de consultores), optou-se pela execução de uma manta butílica aplicada sobre camadas de emulsão asfáltica diluída a frio e pavimentação com cerâmica semelhante às originais (figuras 11 e 12).

Em seguida, foi executada a obra de restauração das muretas do 7º pavimento (1992-1993) e do 5º pavimento (1995-1997), compostas por ameias e torreões, elementos confeccionados em argamassa fundida e curada, confeccionados a partir de formas. Estes ornamentos encontravam-se em avançado grau de deterioração, com pouco aproveitamento de elementos originais. A obra de restauração das muretas do 5º pavimento também incorporou a restauração dos elementos de estuque ornamental das fachadas do Pavilhão Mourisco.



Figura 11: Terraço do sétimo pavimento antes da obra de impermeabilização.

Fonte: DPH/COC/Fiocruz (1988)



Figura 12: Terraço do sétimo pavimento depois da obra de restauração.

Fonte: DPH/COC/Fiocruz (1993)

O estado avançado de degradação dos ornamentos inviabilizou a realização de simples limpezas e recomposições pontuais, tendo sido necessárias muitas reintegrações e substituição de ornatos. Os trabalhos de recomposição das argamassas buscaram respeitar os preceitos da compatibilidade dos materiais através da realização de análises e testes das argamassas existentes para a definição da composição e traço das argamassas de recomposição e execução dos novos ornatos. Buscou-se ainda o treinamento da equipe envolvida nas obras para capacitá-las nos ofícios tradicionais relacionados à execução dos estuques, desde a confecção das formas até a aplicação dos ornatos no local.

No caso do tratamento das fissuras, inicialmente foram realizadas recuperações pontuais, visando a mínima intervenção. No entanto, o resultado alcançado não foi satisfatório porque deixou muitas “cicatrices” nas argamassas, comprometendo a unidade estética do Pavilhão. A solução proposta pelo DPH para a integração cromática foi a aplicação de uma nata de cimento com aditivo impermeabilizante nos trechos onde houve recomposição das argamassas. No entanto, tanto os técnicos do DPH quanto a fiscalização do Iphan, não ficaram satisfeitos com a compatibilidade cromática entre os novas argamassas (cinzas) e as antigas (tons de ocre). No caso da restauração das cimalthas, o órgão de tutela recomendou a inserção de pigmentos na argamassa utilizada no

¹³ Em uma intervenção anterior, em 1976, haviam sido removidas as chapas em cobre do sistema de impermeabilização e o revestimento em lajotas cerâmicas originais, substituídas por placas de cimento (COELHO, 2012).

tratamento das fissuras e trincas com posterior aplicação, em todo o elemento, de uma velatura a base de água e pigmento, visando atingir esta harmonia cromática, mesmo que isso compromettesse a distinguibilidade da intervenção. Esta solução também não se mostrou satisfatória, porque a obra de restauração não previa a pintura integral dos painéis de estuque das fachadas. Diante deste impasse e para não comprometer o cronograma e os custos da obra, optou-se por postergar a definição de uma solução para a reintegração cromática das argamassas, questão que, como veremos adiante, esteve presente em todas as obras de restauro destes elementos.

Restauração da Bow-Window Norte - 2000/2002

O projeto de restauração da Bow-Window Norte buscou resolver a questão das lesões verificadas nas peças em estuque ornamental e as manchas de corrosão da estrutura metálica do sistema. A partir do levantamento dos danos, foram realizadas demolições de partes identificadas como danosas, a restauração de revestimentos ornamentais (ornatos, cimalkas, beirais, ameias e mísulas), a recuperação da estrutura metálica de sustentação, a restauração das esquadrias metálicas, revestimento interno e pintura¹⁴.

Esse primeiro levantamento identificou que as lesões externas eram decorrentes da oxidação dos perfis metálicos expostos, ocasionando o aparecimento de trincas nos ornatos e desprendimento de argamassas. Já na parte interna foram identificadas trincas e manchas de infiltração. Na obra, foram realizadas prospecções que definiram que o estado geral da estrutura metálica era bom, sendo apenas necessária a limpeza e substituição das peças comprometidas, segundo as mesmas dimensões das originais. Devido à dificuldade do acesso a estes elementos, os mapeamentos de danos dos estuques e da estrutura só puderam ser realizados após a montagem dos andaimes e a execução de demolições pontuais. A partir do diagnóstico foi realizada a demolição da cimalka (figura 13), de trechos da platibanda e de conjuntos de balaústres e bases de colunas. Destaca-se que a restauração dos ornamentos incluiu desde a reintegração de partes até a substituição com a confecção de novas peças semelhantes às originais em dimensões, textura e motivo artísticos.

Segundo Franqueira (2003), a maioria dos ornamentos externos da parte superior da estrutura estava comprometida pela perda de argamassa ornamental que deixava expostos os perfis metálicos de sustentação da estrutura. As lesões encontravam-se na parte superior das *bow-windows* e no beiral da laje da cobertura. Foram realizados ensaios laboratoriais para definir os traços das argamassas originais e, na reintegração das fissuras, foi utilizado o mastique, selante comumente utilizado no tratamento de trincas e fissuras. Para a confecção dos novos ornamentos, foram seguidos os mesmos traços dos antigos, com o objetivo de minimizar a incompatibilidade das argamassas novas com as remanescentes. No entanto, foi acrescido ao traço um produto fluidificante para conferir uma melhor aparência e plasticidade ao concreto e pigmentos, para produzir tonalidades distintas.

¹⁴ A obra da *bow-window* norte marca o início da implementação de um novo sistema de normatização visando aperfeiçoar os modelos de editais de licitação usados até então na Casa de Oswaldo Cruz. A leitura do diário de obra demonstra que essa iniciativa foi acertada, pois diversos foram os incidentes que registram o problemas e divergências com a empresa.



Figura 13 Vista do estado de conservação da cimalha da Bow-Window Norte do Pavilhão Mourisco.
Fonte: DPH/COC/Fiocruz, 2009.

Na intervenção da Bow-Window Norte foram confeccionadas novas peças que necessitaram de retoques. Essas peças produzidas não possuíam nenhum tipo de marcação para diferenciá-las das existentes. Franqueira (2003) não se aprofunda na descrição da solução formal adotada, mas afirma que a opção não foi nem de produzir novos elementos com arestas vivas, porque destoariam do restante, já desgastado pela ação do tempo, nem manter o desgaste atual, pois seria cometer um falso-histórico: “se faz necessário o retoque dos modelos, com gesso para que as lacunas existentes sejam reintegrada e sejam reavivadas as arestas e relevos procurando uma integridade formal que permita o equilíbrio entre o novo e o antigo” (FRANQUEIRA, 2003, p.123).

A solução adotada para assegurar, a integração das partes novas com as remanescentes no que tange o esquema cromático e de textura foi o emprego de pigmentação diferenciada nos moldes: “Em função da localização dos ornatos, na edificação, se produz um desgaste diferenciado que se manifesta na diversidade de cor e textura. Em consequência, os ornatos deverão ser fundidos com adição de pigmentos para adequação e correta integração ao conjunto” (FRANQUEIRA, 2003, p.125). Foram estipulados três tipos de colorações das peças de argamassa, que variavam pelo pavimento em que estava localizado o ornato: cinza no terceiro pavimento, misto no segundo pavimento e castanho no primeiro pavimento¹⁵. As soluções revelam, portanto, que a distinguibilidade foi pautada na textura das novas peças de estuques decorativos e na paleta cromática distinta.

Restauração da Bow-Window Sul - 2003/2005

As obras na Bow-Window Sul ocorreram logo após a intervenção na Bow-Window Norte e contou com o mesmo escopo. O estado de conservação do elemento era precário, com problemas de estabilidade da estrutura e degradação das argamassas ornamentais.

¹⁵ O arquiteto José Aguilera foi consultor dessa obra de restauração e contribuiu para definir essa solução.

O mapeamento de danos realizado na intervenção caracteriza os estuques ornamentais da Bow-Window Sul como de argamassa mista composta por areia, cimento e pigmentos naturais, com camadas pictóricas perceptíveis em algumas áreas nos tons vermelho/terra sobre a argamassa sem pigmentação. Os ornatos - painéis, colunas, etc.- foram confeccionados por formas, provavelmente com técnica de “taceiros” em cimento e areia, e os frisos por carrinhos deslizantes.

A estrutura metálica de engaste e os elementos de fixação dos ornatos apresentavam avançado nível de oxidação (figura 14), consequência das infiltrações de águas pluviais nas fissuras existentes nas argamassas, frutos do desgaste do material, que provocaram a corrosão e expansão das peças metálicas internas, seguida pelo desprendimento de ornamentos, permitindo infiltrações ainda maiores. Foram registradas perdas de argamassa e da estrutura metálica por corrosão e constatou-se que a degradação era maior nos pavimentos superiores em razão da maior exposição às intempéries.



Figura 14 – Estado da estrutura metálica antes da intervenção (2003). Fonte: DPH/COC/Fiocruz,.



Figura 15 – Resultado final da intervenção (2004). Fonte: DPH/COC/Fiocruz.

As patologias identificadas nos estuques foram o desprendimento, destacamento e estufamento da argamassa e de elementos ornamentais e frisos: desagregação, ausência/perda, microfissuras, rachaduras, fendas e deformações, cristalização de sais, crostas endurecidas e fossilizadas, pátina biológica (casulos de abelhas e marimbondos), líquens, sujidades e manchas. Ensaio de laboratório determinaram traço, porosidade e massa específica de amostras de argamassas recolhidas.

Para fazer as formas de reprodução dos ornatos, foram seguidos os passos: seleção dos ornatos com melhor estado, confecção de formas de fibra de vidro e silicone, confecção de modelo em gesso e argila e a confecção propriamente dita das formas (diferentes procedimentos, determinados pelo tipo de ornamento e complexidade: formas de silicone para painéis de baixo e alto relevo, formas de resina poliéster ou cimento para ornatos de maior volume).

A intervenção anterior na Bow-Window Norte serviu para comprovar que as formas em novos materiais não eram adequadas nos casos dos ornamentos maiores. Concluiu-se que o uso de

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

formas em cimento e areia era indispensável e, conseqüentemente, percebeu-se a importância da valorização das técnicas tradicionais do estuque ornamental (figura 15).

A intenção da mínima intervenção é expressada pela priorização na intervenção em tratar os materiais que comprometiam a estrutura, com preservação do máximo da matéria original. Os critérios da compatibilidade físico-química e da retrabalhabilidade são mencionados nas conclusões quando se diz que os resultados obtidos nas obras de restauração e conservação deve considerar a compatibilização entre os materiais, “a reversibilidade e valorização da autenticidade do objeto” (MASCARENHAS E FRANQUEIRA, 2007).

Contudo, não se encontra de maneira explícita a preocupação pela distinguibilidade da intervenção. Por outro lado, foi possível identificar que uma das preocupações que nortearam a ação sobre os estuques foi a compatibilização estética das novas argamassas, tendo sido desenvolvidos diversos estudos cromatológicos e testes de pigmentação, que serviram para determinar diferentes tons para cada grupo de ornatos de acordo com o local onde seria reintegrado. Atualmente, é possível identificar as novas peças, que apresentam colocação levemente diversa das preexistentes.

Restauração da Torre Norte e Torre Sul - 2012/2014

Um novo projeto de restauração para as torres teve início em 2008, com a realização de mapeamentos de danos para identificação do estado de conservação das argamassas ornamentais, esquadrias metálicas, estrutura das cúpulas e cúpulas de cobre. Foram identificados inúmeros danos nas argamassas, principalmente na parte inferior das torres; fissuras e microfissuras; trincas com descolamento de placas de argamassas, rachaduras próximas às esquadrias, perdas de trechos e recomposições sem critério posteriores a obra (figura 16). As especificações técnicas da obra levaram em consideração não apenas as obras de restauração ocorridas em 1989 e 1992, mas também os serviços mais recentes realizados na obra de Restauração das *Bow-Windows* (2000/2002), principalmente a metodologia adotada com sucesso na execução de formas e ornatos.

É preciso ter em mente que esta intervenção de 2012, diferente das primeiras, no que diz respeito exclusivamente às argamassas, tinha como objetivo melhorar o aspecto, tratando as fissuras, trincas e rachaduras. As demolições seriam feitas apenas em elementos não originais e em último caso, após ser constatada a possibilidade de eficiência de ações menos invasivas.

Na conclusão da obra, foi possível avaliar que as várias reintegrações realizadas nas argamassas, mesmo tendo sido feito um traço similar aos originais e compatibilizações de cor, conferiam um aspecto que interferia de forma negativa na leitura de suas faces, principalmente na base das torres. Optou-se, dessa forma, pela aplicação de uma velatura que pudesse atuar como uma camada de sacrifício, numa cor mais próxima ao cimento, já que a cor identificada nos vestígios remanescentes, aplicada apenas nas torres, destacaria esses elementos na leitura e composição das fachadas (figura 17).

Conclui-se que a obra mais recente das torres ocasionou uma intervenção menor que a anterior, e privilegiou a limpeza, consolidação e tratamento, tanto nos painéis quanto nos elementos ornamentais em argamassa. Só foram feitas substituições em casos de extrema necessidade, avaliados individualmente e procurando respeitar os elementos originais e os princípios de intervenção mínima.

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

As reconstruções necessárias procuraram respeitar a questão de compatibilidade mecânica e química. O preenchimento das lacunas nas argamassas e reparos foram feitos com o traço de argamassa adotado na primeira intervenção, respeitando os procedimentos que garantiram a execução eficiente de ornatos.



Figura 16: Torre Sul antes da intervenção.
Fonte: DPH/COC/Fiocruz (2012)



Figura 17: Torre Sul depois da intervenção.
Fonte: DPH/COC/Fiocruz (2017)

A distinguibilidade é bastante evidente ao analisar os ornatos e painéis de argamassa fundidos na obra anterior. Os ornatos originais apresentam argamassas bastantes lixiviadas pela ação do tempo com resquícios da camada de velatura original, diferente dos ornatos mais recentes com argamassa uniforme e lisa. Essas diferenças possibilitaram a identificação e o mapeamento dos ornatos originais daqueles fundidos na obra passada, garantindo que não fossem demolidos. Mesmo os ornatos e painéis mais recentes foram preservados nesta intervenção, exceto nos casos mais graves onde a presença de trincas e rachaduras comprometia a estabilidade da peça e apenas na impossibilidade de restauração, que alguns poucos trechos foram demolidos e refeitos. As peças refeitas na obra têm as mesmas características (traço e acabamento) das peças da obra das décadas de 1980 e 1990, garantindo que os originais ainda possam ser identificados em futuras intervenções. Destaca-se também que os painéis e alguns ornatos feitos na obra anterior e nesta mais recente, possuem o nome do mestre de obra responsável e o ano da fundição.

O princípio da retrabalhabilidade é notado nas reintegrações de lacunas dos ornatos. Essas reintegrações, que seguiram o traço da intervenção anterior, são facilmente identificadas conforme dito anteriormente na questão da distinguibilidade e, portanto, podem ser removidas e refeitas em caso de necessidade. E mesmo a camada de velatura, atuando de forma a proteger também os

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

ornatos e a camada pigmentada remanescentes, é facilmente reconhecível. Sua condição de camada de sacrifício permite ações futuras no estuque ornamental protegido.

Obra de recuperação e impermeabilização das muretas e beirais dos terraços - 2014/2015

A infiltração de águas pluviais no Pavilhão Mourisco se conformou em um problema recorrente e, buscando solucionar esse quadro, foi contratada, em 2012, uma consultoria especializada em impermeabilização de edifícios. Uma das recomendações do relatório técnico elaborado pela empresa, indicou o tratamento das fissuras e trincas das muretas e beirais dos terraços, de forma a conter as infiltrações nestes elementos.

A partir do mapeamento de danos e patologias, verificou-se o alto grau de degradação de alguns elementos em argamassa do coroamento e da face inferior da cimalha do Pavilhão Mourisco, ao nível do 5º e 7º pavimentos. Foi definida a demolição das argamassas de revestimento dos parapeitos e beirais, além da remoção de cerâmicas e pingadeiras em cobre. O processo de demolição das argamassas foi cuidadoso, de modo a preservar as ameias e torreões que ornamentam as muretas periféricas do Pavilhão Mourisco – elementos que foram mantidos e permaneceram íntegros, passando apenas por processo de limpeza, pintura de impermeabilização e velatura.

O revestimento das muretas foi removido em sua porção inferior, na parte interior dos terraços assim como nos trechos próximos de trincas e fissuras, em toda sua extensão. Os ornatos danificados foram recompostos ou substituídos por novos, a depender de seu grau de comprometimento. Todas as peças danificadas foram recuperadas – estando elas localizadas no coroamento ou na face inferior das cimalkas. Durante a obra, foram utilizadas três diferentes técnicas de restauro dos ornatos:

- No caso dos ornatos mais danificados, com grande perda volumétrica (maior que 75%): removeu-se o ornato danificado e confeccionado um novo, para substituição, utilizando-se molde obtido a partir de peça similar e íntegra, encontrada na extensão da área de intervenção.
- No caso de ornatos com fissuras ou estruturalmente instáveis: como não havia perda volumétrica significativa, foram utilizados pinos metálicos fixados com resina epóxi e posterior calafetagem e proteção da superfície recuperada.
- No caso de ornatos que se apresentavam descolados do substrato, mas íntegros em seu volume: foi feito o restauro in loco de preenchimento das áreas em descolamento, utilizando-se resinas plásticas.

O acabamento final dos trechos de intervenção, nos terraços do 5º e 7º pavimentos do Pavilhão Mourisco, foi feito após uma limpeza geral das superfícies e aplicação de velatura (cuja fórmula foi estabelecida na intervenção anterior – a de restauração das torres) e de hidrofugante. A velatura foi aplicada em todos os elementos em argamassa.

As demolições realizadas aconteceram nos elementos que o projeto apontava como responsáveis pelos problemas recorrentes das infiltrações das lajes. Procurou-se intervir de forma controlada nas argamassas, retirando as partes necessárias para a execução dos novos serviços. Os critérios adotados nesta obra, acompanham os definidos na obra de restauração das torres. A aparência dos ornatos de argamassa fundidos ao longo de 2015 - uniforme e lisa - é distinta da aparência dos

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

ornatos originais, que apresentam argamassa lixiviada por ação das intempéries. As peças confeccionadas nessa intervenção, apresentam mesmo traço e acabamento das peças feitas na obra concluída em 2014 e, conseqüentemente às da obra das décadas de 1980 e 1990. O princípio da retrabalhabilidade também é notado nessa obra, em relação às reintegrações de lacunas dos ornatos e à aplicação da camada de velatura.



Figura 18: Montagem de andaimes antes da intervenção. Foto: Peter Illiciev (2014)



Figura 19: Desmontagem de andaimes, após a intervenção. Foto: Peter Illiciev (2015)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as análises desenvolvidas nesse trabalho, é possível afirmar que as intervenções realizadas no Pavilhão Mourisco estão alinhadas com a vertente do restauro crítico-conservativo. Embora não seja observado explicitamente nos documentos pesquisados, a análise das obras permitiu observar a preocupação em atender, de maneira geral, os critérios da mínima intervenção, da distinguibilidade, da compatibilidade físico-química e da retrabalhabilidade.

Nas restaurações das argamassas históricas, houve a preocupação da equipe do DPH em preservar os aspectos físicos e materiais utilizados nos revestimentos remanescentes, bem como em utilizar materiais novos que fossem compatíveis com os originais, de forma a evitar o aparecimento de patologias que pudessem expor o edifício aos processos de deterioração causados pelos agentes externos.

Durante as primeiras obras da década de 1990, diversos debates técnicos entre os atores envolvidos - DPH/COC, consultores, IPHAN e empresas contratadas - demonstraram dificuldades na adoção de uma metodologia adequada para a reintegração cromática das argamassas das fachadas. A questão central da divergência versou sobre o tratamento a ser dado às fissuras, trincas e novos ornatos substituídos, no que tange à variação de tonalidade. A dificuldade consistiu em encontrar a solução técnica que garantisse um equilíbrio entre as instâncias estética e histórica. Se por um lado, houve uma preocupação com a aplicação de uma camada que uniformizasse a legibilidade das fachadas (camada de velatura), por outro houve a defesa de intervenções pontuais buscando a compatibilização com as argamassas remanescentes.

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

A busca por um conhecimento mais aprofundado da composição destas argamassas deu origem a um projeto de pesquisa¹⁶ em 2002, na qual foram analisadas diversas amostras de argamassa extraídas da edificação e identificadas as suas características, inclusive a composição da camada de pintura original¹⁷. Segundo a pesquisa, este tratamento exerceu a função de uma camada de sacrifício, ou camada de proteção contra as ações das intempéries ao longo dos anos. As obras analisadas revelam que o debate sobre a melhor forma de preservação das argamassas ornamentais está em pauta desde as primeiras intervenções.

A partir da experiência acumulada nesses trinta anos de atuação do departamento, ainda hoje permanece a necessidade de aprofundamento da pesquisa sobre reintegração das argamassas. A análise das intervenções ora apresentadas pretende colaborar nesse processo e indica a necessidade de se promover novos debates para definição dos princípios que devem orientar estas ações e, em seguida, buscar técnicas compatíveis. A definição de uma solução para a integração cromática entre as novas e antigas argamassas ainda é um desafio.

Conceitualmente, o problema da integração cromática das novas argamassas diz respeito a uma certa dualidade entre a busca da compatibilização estética e a necessidade da distinguibilidade das intervenções. O debate sobre os procedimentos deve considerar alguns aspectos, relativos às características físicas dos elementos, bem como aos seus valores artísticos. Os objetivos da preservação dos estuques envolvem a preocupação em manter a unidade formada pela sua complexa ornamentação mourisca, sobre a qual intervenções muito marcadas podem comprometer sua legibilidade, ao mesmo tempo que deve considerar a sua performance como revestimento externo de um edifício centenário.

Verifica-se que devem ser avaliadas as soluções de reintegração e acabamento das argamassas, como a utilização de uma camada superficial que vise prolongar a durabilidade desses elementos (seja a velatura, seja a camada de sacrifício), assim como a compatibilização cromática das novas áreas e ornatos. Neste sentido, é fundamental a continuidade do trabalho interdisciplinar, sempre presente em todas as obras de restauração conduzidas pelo DPH/COC ao longo de sua trajetória.

Questões práticas e técnicas também são decisivas para justificar a solução adequada. As argamassas ornamentais do Pavilhão Mourisco, sobretudo as que estão aplicadas externamente nas fachadas, terraços e torres, estão expostas a condições ambientais bastante desfavoráveis à preservação deste tipo de material. A exposição às chuvas, às alterações bruscas de temperatura e umidade relativa, ação de agentes contaminantes (poluição atmosférica, excrementos de pássaros e morcegos etc.), dos ventos, incidência de raios UV e ações criminosas são fatores de risco de difícil controle.

Os diagnósticos das intervenções analisadas apontam uma sequência recorrente das patologias e danos que levam à degradação e à ineficiência das argamassas – fissuras, trincas, rachaduras, infiltrações, crostas negras, oxidações da estrutura metálica e desprendimento das argamassas. A repetição desses problemas aponta para a necessidade de aprofundar os estudos técnicos sobre

¹⁶ O projeto de pesquisa intitulado “Reintegração das Argamassas Históricas” foi financiado pelo CNPq.

¹⁷ As investigações da camada de sacrifício culminaram na proposta da adoção na cor Terra de Siena Natural Claro. Essa característica teria sido primeiro observado pela museóloga e restauradora Aldeli Memória.

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

as argamassas ornamentais. Ao longo dos trabalhos do DPH/COC tem sido utilizado traços definidos em análises laboratoriais a partir de argamassas remanescentes. No entanto, não existe ainda uma avaliação crítica e técnica sobre a efetividade desses traços adotados. Isso indica a necessidade de estudos sobre o comportamento das argamassas em seu contexto construtivo e ambiental. Ressalta-se ainda que no caso dos elementos a base de cimento expostos as intempéries, a sua substituição é inevitável na maioria dos casos, sendo a solução a preservação da imagem.

Com relação à experiência acumulada nessas ações do DPH/COC, é importante ressaltar as contribuições para a transmissão de conhecimentos e habilidades de técnicas tradicionais voltados para o trabalho de conservação e restauração do patrimônio histórico arquitetônico – no caso aqui, de estuque ornamental.¹⁸

Pesquisas mais recentes desenvolvidas pelo DPH/COC sobre metodologias que buscam aprimorar as ações de conservação preventiva, sinalizam que a saída está no investimento maior nas ações de avaliação, monitoramento e mitigação dos efeitos dos agentes sobre estes elementos, evitando que sejam necessárias intervenções mais invasivas. A elaboração de um plano de conservação preventiva para o Pavilhão Mourisco, ora em desenvolvimento pelo DPH/COC, tem como objetivo definir estratégias e procedimentos para mitigar os problemas apontados no diagnóstico sobre o estado de conservação do edifício, privilegiando ações preventivas, o que implica em ações compatíveis com os princípios defendidos pelo restauro crítico conservativo.

REFERÊNCIAS:

Appelbaum, Barbara. *Criteria for Treatment: Reversibility*. Journal of the American Institute for Conservation 26, no. 2 (1987): 65-73.

Brandi, Cesare. *Teoria da Restauração*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

Carbonara, Giovanni. “Brandi e a restauração arquitetônica hoje”. Tradução de Kühl, B. M. *Desígnio, Revista de História da Arquitetura e do Urbanismo*, n.6, São Paulo: Annablume, (2006): 35-47.

Coelho, Carla M. *Relatório Técnico das intervenções nos terraços do 5º e 7º pavimentos do Pavilhão Mourisco*. Rio de Janeiro: 2012.

Cunha, Claudia dos Reis e. A atualidade do pensamento de Cesare Brandi. Resenhas Online, São Paulo, ano 03, n. 032.03, Vitruvius, ago. 2004. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/03.032/3181>>

Franqueira, Márcia L.M. “A restauração do Pavilhão Mourisco”. In. Costa, R.G. (Org.). *Caminhos da Arquitetura em Manguinhos*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; Casa de Oswaldo Cruz; FAPERJ, 2003, 121-127.

¹⁸ Destaca-se, como exemplo, o projeto Oficina Escola de Manguinhos (OEM), implementado em 2007 com o apoio do programa Monumenta/UNESCO/BID/Minc. Tratou-se de um projeto pedagógico de qualificação profissional em ofícios da conservação e restauração de bens culturais imóveis, inicialmente voltado para um público jovem de ensino médio. A partir de 2010, os cursos oferecidos pela OEM se voltaram para um público mais diversificado.

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 5

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador · Bahia · Brasil, de 27/11 à 01/12 de 2017

Kühl, Beatriz M. "Restauração Hoje". Notas e Criatividade. In. *AUH412 Notas de aula 2015*. São Paulo: FAUUSP, 2015. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/arquivos/disciplinas/au/auh0412/Auh412_2015-notasdeaulabkuhl.pdf>

_____. "Notas sobre a Carta de Veneza". *Anais do Museu Paulista*. v. 18. n.2. jul.- dez. 2010.

_____. "História e ética na conservação e na restauração de monumentos históricos". *Revista CPC*, v.1, n.1 (2006): 16-40.

_____. "O tratamento das superfícies arquitetônicas como problema teórico da restauração". *Anais do Museu Paulista*, v.12, n. Sér. (2004): 309-330.

Lourenço, Bettina C.G. "Revitalização das fachadas do Pavilhão Mourisco". *FÓRUM. Patrimônio e Ciência da Conservação*, v.2, n.2 (2009).

Mascarenhas, Alexandre F.; Franqueira, Márcia. "Estuque ornamental: história e restauro". *Revista Brasileira de Arquiometria, Restauração e Conservação*. V.1, no.2, 001-006 (2007).

Oliveira, B.T. (Org.); Costa, Renato G.R; Pessoa, Alexandre J.S. *Um lugar para a ciência: a formação do Campus de Manguinhos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

Pinheiro, M.J.A.; Lourenço, Bettina C.G.; Duarte, Maria Cristina C.; Franqueira, Márcia L.M.; Lopes, Débora S. *Metodologia e tecnologia na área de manutenção e conservação de bens edificados: o caso do Núcleo Histórico de Manguinhos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2009.